

# Cavaco Silva já é mediador

15.11.1991 O JORNAL

O primeiro-ministro já começou a mediar a paz moçambicana, mas os italianos não querem que se saiba

O GOVERNO português já entrou activamente na mediação das negociações de paz em Moçambique, confirmou a «O Jornal» uma fonte muito bem colocada. Portugal só não assumiu formalmente essa intervenção, para não melindrar os italianos, que receiam perder o protagonismo do processo.

Neste momento, tudo parece girar em torno da escolha dos moldes em que o Governo de Cavaco Silva poderá intervir, sem arrastar os mediadores italianos para o descrédito internacional. Lisboa parece recusar um mero estatuto de observador secundário, que lhe retire o controlo da situação. Em contrapartida, os italianos parecem ter dificuldade em explicar o envolvimento formal português, sem com isso admitirem o seu próprio fracasso.

De acordo com as nossas fontes, as audiências concedidas, há uma semana, pelo Governo de Lisboa ao líder da Renamo, Afonso Dhlakama, foram um sinal político da intervenção portuguesa nas negociações que decorrem em Roma. O anúncio simultâneo do pedido formal da Renamo para uma participação activa de



Afonso Dhlakama com Deus Pinheiro. Ao lado, Cavaco Silva Portugal prepara mediação nas conversações de paz para Moçambique

Lisboa no processo veio reforçar ainda mais essa estratégia.

## Honras para Dhlakama avisos para Soares

Contrariamente ao que acontecera, há meses, com o presidente da UNITA, Jonas Savimbi, que foi recebido por Cavaco Silva na sede do PSD, e apenas na sua qualidade de líder partidário, desta vez, Dhlakama teve direito a audiência com o primeiro-ministro, na residência oficial de São Bento.

Durante a sua estadia na capital portuguesa, o líder da Renamo também se avistou formalmente com o ministro e com o secretário de Estado dos Negócios Estrangeiros, no Palácio das Necessidades, e só

depois destes encontros se deslocou a Belém, para uma audiência com o Presidente da República. A agenda de Savimbi em Lisboa tinha sido inversa: o líder da UNITA fora convidado de honra do PR, em Belém, e manteve encontros informais com os membros do Executivo.

Observadores diplomáticos admitem que a estratégia de Cavaco Silva na calendarização destas audiências não foi inocente. O primeiro-ministro pretendeu demonstrar que Dhlakama era convidado formal do Governo, e, como tal, recebido em primeiro lugar pelo Executivo. A audiência com Mário Soares seria, deste modo, transformada num encontro de cortesia ao mais alto nível. Desta forma, Cavaco



também terá tentado reter o Presidente da República para um estatuto secundário, perante um eventual envolvimento português na paz moçambicana.

## Mal-estar em Roma

Os termos em que decorreu a visita de Afonso Dhlakama a Lisboa parecem ter incomodado os mediadores oficiais italianos, que recearam perder o controlo do processo. Embora a deslocação do líder da Renamo a Portugal tenha contado com o apoio implícito da Itália, este país terá esperado do Governo português uma ajuda discreta e informal para acelerar a paz em Moçambique, e nunca uma manifestação pública de colaboração

activa que passasse, inclusivamente, por um apelo formal da Renamo ao alargamento da mediação a Lisboa.

Segundo as nossas fontes, o mal-estar manifestado pelos italianos terá justificado as declarações feitas, a propósito, por Cavaco Silva, em Roma, desmentindo qualquer hipótese de Portugal vir a assumir um papel de mediador em Moçambique. Segundo declarou o primeiro-ministro, durante a sua recente deslocação à cimeira da NATO em Roma, o Governo de Lisboa poderia vir a participar no processo moçambicano, se todas as partes assim o desejassem, mas apenas num estatuto de observador.

Cavaco Silva procurou, assim, aliviar os receios italianos perante um eventual protagonismo português, reiterando a ideia de que o processo continuará sediado em Roma e liderado pela Itália. Mas a verdade é que, de acordo com fontes portuguesas bem colocadas, o Governo de Lisboa aguarda, impacientemente, «luz verde» para avançar como parte formalmente envolvida, mantendo, até aí, uma atitude ambígua, mas interessada.

## Cavaco (des)espera

Aliás, o primeiro-ministro português já admitira, no último Verão, que Portugal poderia entrar no processo de mediação da paz moçambicana, se verificassem três condições: primeiro, que houvesse um convite formal de ambas as

partes (Frelimo e Renamo) nesse sentido; segundo, que a mediação italiana visse com bons olhos a colaboração portuguesa; terceiro, que fossem dadas garantias de que o processo tinha condições para ser um êxito, como acontecera em Angola.

Até agora, a maioria destas condições parecem manter-se insatisfeitas, existindo, apenas, um convite formal da Renamo para a participação activa de Lisboa no processo. As entidades de Maputo têm usado alguma ambiguidade nas declarações produzidas a este propósito, levando a crer que são sensíveis à posição dos mediadores oficiais italianos e, por parte destes, parece não existir o mínimo interesse em envolver formalmente Portugal. Antes pelo contrário, Roma desejaria poder conseguir a paz moçambicana sem terceiros contributos, embora as dificuldades encontradas até aqui levem as entidades italianas a admitir como fundamental uma mãozinha de Lisboa, mas só nos bastidores...

Tudo indica, portanto, que a estratégia do Governo português passa por aguardar o momento mais propício para concretizar uma intervenção que é considerada como inevitável e que, na prática, já está mesmo a funcionar. Não interessa a Cavaco Silva hostilizar os italianos, que são seus parceiros na CEE. O primeiro-ministro português prefere, obviamente, insinuar-se à porta dos parceiros e esperar que estes o convidem para entrar.

L.F.